

## **A intercessão do Espírito como socorro à fraqueza humana: uma análise de Rm 8,18-27**

*The Spirit's intercession as a help to human weakness:  
an analysis of Rom 8,18-27*

**Waldecir Gonzaga<sup>155</sup>**  
*Docente do PPGT da PUC-Rio*

**Francisco Évison<sup>156</sup>**  
*Mestrando no PPGT da PUC-Rio*

**Resumo:** A perícope de Rm 8,18-27, situada no coração da seção pneumatológica da Epístola aos Romanos, constitui-se em uma das expressões mais elevadas da antropologia e da escatologia paulinas. Inserido no contexto do “já e ainda não” da salvação, o texto articula, com grande profundidade literária e teológica, a tensão entre o sofrimento que permeia o presente dos homens e a glória futura prometida por Deus. Este estudo propõe-se a realizar uma análise exegética, servindo-se de alguns passos do Método Histórico-Crítico, bem como da análise das formas literárias, da progressão argumentativa e dos elementos culturais e religiosos que moldam a estrutura de Rm 8,18-27. No cerne da reflexão está a atuação do Espírito Santo como o grande intercessor, apresentado por Paulo como aquele que, em meio à fraqueza e à incapacidade humana de rezar como convém, intercede com gemidos inexprimíveis em consonância e/ou conformidade com a vontade de Deus. A linguagem utilizada

---

Recebido em: 15 jun. 2025    Aprovado em: 20 ago. 2025

<sup>155</sup> Doutor em Teologia Bíblica (Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, Itália). Docente do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Email: [waldecir@hotmail.com](mailto:waldecir@hotmail.com)

<sup>156</sup> Mestrando em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Graduado em Filosofia e Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Estudante do Studium Biblicum Franciscanum (Facoltà di Scienze Bibliche e Archeologia) em Jerusalém no período de outubro de 2023 a abril de 2024. E-mail: [evison.isaias@hotmail.com](mailto:evison.isaias@hotmail.com)

pelo apóstolo é repleta de paralelismos, construções retóricas e uso técnico de termos como glória, adoção, redenção e esperança. Manifesta uma teologia profundamente encarnada, que realiza um verdadeiro amálgama entre o drama presente na vida e na história humana e o anseio cósmico por redenção. Sob este prisma, criação, humanidade e Espírito se entrelaçam numa tríade que geme, espera e intercede, apontando para uma esperança que não é estagnada em si, mas é ativa, perseverante e fundamentada na presença eficaz do Espírito. Com isso, Rm 8,18-27 evidencia não apenas o consolo em meio às tribulações, mas também trata acerca do sustento da esperança escatológica com sólida fundamentação teológica.

**Palavras-chave:** Romanos, Espírito, Intercessão, Esperança, Fraqueza, Escatologia.

**Abstract:** The pericope of Rm 8,18-27, located at the heart of the pneumatological section of the Letter to the Romans, is one of the highest expressions of Pauline anthropology and eschatology. Set in the context of the “already and not yet” of salvation, the text articulates, with great literary and theological depth, the tension between the suffering that permeates the present of men and the future glory promised by God. This study sets out to carry out an exegetical analysis, using some of the steps of the Historical-Critical Method, as well as analyzing the literary forms, the argumentative progression and the cultural and religious elements that shape the structure of Rm 8,18-27. At the heart of the reflection is the action of the Holy Spirit as the great intercessor, presented by Paul as the one who, in the midst of human weakness and inability to pray as we should, intercedes with inexpressible groans in line and/or conformity with God’s will. The language used by the apostle is full of parallelisms, rhetorical constructions and technical use of terms such as glory, adoption, redemption and hope. It manifests a profoundly incarnational theology, which makes a real amalgam between the drama present in human life and history and the cosmic longing for redemption. From this perspective, creation, humanity and the Spirit are intertwined in a triad that groans, hopes and intercedes, pointing to a hope that is not stagnant in itself, but is active, persevering and based on the effective presence of the Spirit. Thus, Rom 8,18-27 highlights not only

consolation in the midst of tribulation, but also deals with the support of eschatological hope with a solid theological foundation.

**Keywords:** Romans, Spirit, Intercession, Hope, Weakness, Eschatology.

## Introdução

A Epístola de Paulo aos Romanos, um dos textos do *corpus paulino*<sup>157</sup>, ocupa um lugar de grande destaque no cânon do Novo Testamento<sup>158</sup>, sendo reconhecida pela crítica especializada como uma epístola autenticamente paulina, tanto pela sua linguagem quanto pela coerência teológica com o restante do *corpus* considerado autêntico. Nesta perspectiva, ao lado de outras seis epístolas, Romanos compõe o núcleo indiscutível das epístolas do apóstolo, sendo diferenciada das chamadas deuteropaulinas e das ditas epístolas pastorais<sup>159</sup>.

Despontando como uma das produções mais ricas e sistemáticas da teologia paulina, Romanos é caracterizada por sua profundidade doutrinária e amplitude temática. A epístola aborda desde a dinâmica do pecado e sua universalidade (Rm 1,18–3,20) até os desdobramentos da justificação pela fé (Rm 3,21–5,21), passando pela vida nova no Espírito (Rm 8,1-17), pela esperança escatológica em meio ao sofrimento (Rm 8,18-30), pela inclusão dos gentios e o papel de Israel no plano da salvação (Rm 9–11), e pelas exortações práticas à vida cristã em comunidade (Rm 12–15).

Embora a comunidade cristã de Roma não tenha sido fundada por Paulo, ela era conhecida por duas características capilares: sua fé e sua obediência, reconhecidas e elogiadas pelo apóstolo (Rm 1,8; 16,19). Formada num contexto judaico, sua história inicial é marcada pela convivência, e posteriormente pelo conflito, entre judeus e gentios. A provável expulsão dos judeus de Roma sob Cláudio (c. 49 d.C.), conforme o testemunho de Suetônio e a narrativa de At 18,2, pode ter agravado essas tensões. Paulo escreve esta epístola entre 57-58 d.C., em Corinto, durante o final de sua terceira viagem missionária, conforme os dados da própria epístola (Rm 15,25-26; 16,1.21-23; 1Cor 16,6). Ele a envia como forma de se apresentar a uma comunidade que ainda não conhecia pessoalmente, preparando terreno para sua futura visita e

---

<sup>157</sup> GONZAGA, W., *O Corpus Paulinum no Cânon do Novo Testamento*, p. 19-41; GONZAGA, W., *Compêndio do Cânon Bíblico*, p. 406-407.

<sup>158</sup> GONZAGA, W., *O Cânon Bíblico do Novo Testamento*, p. 41-60.

<sup>159</sup> GONZAGA, W., *O Corpus Paulinum no Cânon do Novo Testamento*, p. 19-41.

eventual visita e missão na Espanha (Rm 15,23-24). Como não responde a uma crise específica, a epístola se configura como uma exposição madura e programática de sua teologia<sup>160</sup>.

No interior da referida epístola, Rm 8,18-27 destaca-se como uma das seções mais elevadas teologicamente da reflexão paulina. Inserida na parte central do capítulo que trata da vida no Espírito, essa perícopes articula com notável profundidade a tensão entre o sofrimento humano e a esperança escatológica, tendo o Espírito Santo como figura capilar. Em sequência, Paulo desenvolve uma teologia dos gemidos: os da criação, os dos crentes e os do Espírito, evocando imagens de parto, fraqueza e intercessão.

Os verbos como “*συστενάζει/geme conjuntamente*”, “*συνωδίνει/está em dores de parto*” e “*στενάζομεν/gememos em nós mesmos*” ilustram a dramaticidade existencial do tempo presente, enquanto a figura do Espírito que “*συναντιλαμβάνεται/toma parte conosco/ajuda*” e “*ὑπερεντυγχάνει/intercede*” revela uma presença solidária e eficaz que socorre a oração dos que, na fraqueza, não sabem orar como convém. Desta forma, a oração cristã é assumida, purificada e elevada por aquele que intercede “*κατὰ θεὸν/ segundo Deus*”, fazendo da fraqueza humana o lugar privilegiado da atuação do Espírito.

Posto isso, o presente estudo adota alguns passos do Método Histórico-Crítico, para um maior aprofundamento da referida perícopes, detendo-se especialmente na crítica textual, na análise da forma e na exegese literária-teológica da perícopes, elementos estes que ajudam a estabelecer a identificação da estrutura interna da perícopes e seus movimentos temáticos, revelando uma organização tripartida: vv.18-21; 22-25; 26-27, que articula esperança, gemido e intercessão. Por fim, são explorados os sentidos teológicos das palavras e expressões-chave, como “glória”, “redenção do corpo”, “primícias do Espírito”, “adoção” e “esperança”. Com isso, pretende-se não apenas iluminar o texto em sua origem, mas também evidenciar sua atualidade para a vida cristã.

## 1 Segmentação e tradução de Rm 8,18-27

Para uma melhor apreensão da questão fulcral abordada pelo autor sagrado em um texto bíblico, além da determinação de alguns elementos como época, questões de índole históricas, culturais e teológicos, também é fundamental considerar outros aspectos literários como a tradução, a

---

<sup>160</sup> GONZAGA, W., Os conflitos na Igreja primitiva entre judaizantes e gentios a partir das cartas de Paulo aos Gálatas e Romanos, p. 189-198.

delimitação do texto, verificando se este apresenta ou não coesão e coerência<sup>161</sup>, bem como os elementos linguísticos que viabilizam o enquadramento do texto em determinado gênero literário<sup>162</sup>. E o texto de Rm 8,18-27 possui uma riqueza teológico-vocabular singular, como se pode conferir tanto no texto grego como na tradução portuguesa.

Λογίζομαι γὰρ ὅτι	18a	De fato, considero que
οὐκ ἄξια τὰ παθήματα τοῦ νῦν καιροῦ πρὸς τὴν μέλλουσάν δόξαν	18b	os sofrimentos do tempo presente não têm comparação com a glória futura
ἀποκαλυφθῆναι εἰς ἡμᾶς.	18c	a ser revelada para nós.
ἡ γὰρ ἀποκαρδοκία τῆς κτίσεως τὴν ἀποκάλυψιν τῶν υἱῶν τοῦ θεοῦ ἀπεκδέχεται.	19a	De fato, a criação em ardente expectativa, aguarda a revelação dos filhos de Deus.
τῇ γὰρ ματαιότητι ἡ κτίσις ὑπετάγη,	20a	Pois a criação foi sujeitada a transitoriedade
οὐχ ἐκούσα ἀλλὰ διὰ τὸ νῦν ὑποτάξαντα, ἐφ' ἐλπίδι	20b	não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança
ὅτι καὶ αὕτη ἡ κτίσις ἐλευθερωθήσεται ἀπὸ τῆς δουλείας τῆς φθορᾶς εἰς τὴν ἐλευθερίαν τῆς δόξης τῶν τέκνων τοῦ θεοῦ.	21a	de que também a própria criação será libertada da escravidão da corrupção para a liberdade da glória dos filhos de Deus.
οἶδαμεν γὰρ	22a	De fato, sabemos
ὅτι πᾶσα ἡ κτίσις συστενάζει	22b	que toda a criação geme conjuntamente
καὶ συνωδίνει ἄχρι τοῦ νῦν.	22c	e está em dores de parto até agora;
οὐ μόνον δέ, ἀλλὰ καὶ αὐτοὶ τὴν ἀπαρχὴν τοῦ πνεύματος ἔχοντες	23a	porém, não só isso, mas também nós mesmos, tendo as primícias do Espírito,
ἡμεῖς καὶ αὐτοὶ ἐν ἑαυτοῖς στενάζομεν	23b	também nós mesmos gememos em nós mesmos, ( <i>em nosso íntimo</i> )

<sup>161</sup> GONZAGA, W., A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada Teologia, p. 201-235.

<sup>162</sup> LIMA, M. L. C., Exegese Bíblica, p. 26-29.

ἰοθεσίαν ἀπεκδεχόμενοι, τη`ν ἀπολύτρωσιν τοῦ σώματος ἡμῶν.	23c	aguardando a adoção filial, a redenção do nosso corpo.
τῇ γὰρ ἐλπίδι ἐσώθημεν.	24a	Pois em vista da esperança fomos salvos;
ἐλπίς δὲ βλεπομένη οὐκ ἔστιν ἐλπίς.	24b	ora, uma esperança que é vista não é esperança;
ὁ γὰρ βλέπει	24c	pois aquilo que vê,
τίς ἐλπίζει;	24d	acaso alguém espera?
εἰ δὲ ὁ οὐ βλέπομεν	25a	Mas se aquilo que não vemos,
ἐλπίζομεν,	25b	esperamos
δι' ὑπομονῆς ἀπεκδεχόμεθα.	25c	com paciência o aguardamos.
Ὡσαύτως δὲ καὶ τὸ πνεῦμα συναντιλαμβάνεται τῇ ἀσθενείᾳ ἡμῶν.	26a	Do mesmo modo também o Espírito toma parte conosco ( <i>ajuda</i> ) em nossa fraqueza;
τὸ γὰρ τί προσευξόμεθα καθὼς δε	26b	pois o que havemos de pedir como convém
οὐκ οἶδαμεν,	26c	não sabemos,
ἀλλὰ αὐτὸ τὸ πνεῦμα ὑπερεντυγχάνει στεναγμοῖς ἀλαλήτοις.	26d	mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis;
ὁ δὲ ἐραυνῶν τὰς καρδίας	27a	porém, aquele que perscruta os corações
οἶδεν τί τοῦ φρόνημα τοῦ πνεύματος,	27b	sabe qual é o propósito do Espírito,
ὅτι κατὰ θεὸν ἐντυγχάνει ὑπὲρ ἁγίων.	27c	porque, segundo Deus, (ele) intercede pelos santos.

Fonte: texto grego da NA28<sup>163</sup>; tabela e tradução dos autores.

## 2 Notas de tradução e de crítica textual de Rm 8,18-27

Tomando como ponto de partida o aparato crítico da NA28 e levando em consideração os princípios da crítica textual, a perícope de Rm 8,18-27 apresenta algumas variantes que, embora não alterem de forma substancial o sentido teológico do texto, manifestam a riqueza da tradição manuscrita, bem como contribuem para um entendimento mais profundo do texto paulino. A

<sup>163</sup> NESTLE-ALAND (eds.), Novum Testamentum Graece, p. 496.



análise a seguir está organizada em função das variantes mais relevantes dentro da perícope, dialogando com sua tradução e segmentação.

No v.19a – “ἡ γὰρ ἀποκαταδοκία τῆς κτίσεως τὴν ἀποκάλυψιν τῶν υἱῶν τοῦ θεοῦ ἀπεκδέχεται/*De fato, a criação, em ardente expectativa, aguarda a revelação dos filhos de Deus*”<sup>164</sup> o sinal crítico presente no aparato da NA28 para este versículo indica uma substituição do termo “κτίσεως/*criação*” pela variante “πίστεως/*fé*”, que aparenta ser um erro de copista. Além de ser atestado em manuscritos de menor valor como o minúsculo 2464b; Ambst Spec (variante testemunhada por Ambrosiastro, em algumas passagens específicas), se comparado com aquelas que sustentam a escolha do comitê central da NA28, tal substituição implicaria em problemas de coerência temática, quebrando a fluidez do argumento paulino sobre a redenção da criação, uma vez que Paulo está descrevendo a esperança cósmica da criação por libertação, e não uma expectativa metafórica da “fé”.

No v.20b – “οὐχ ἔκουσα ἀλλὰ διὰ τὸ ὑποτάξαντα/*não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou*” o aparato aponta uma variante em alguns manuscritos que trazem “οὐ θέλουσα/*não querendo/contraria sua vontade*” no lugar de “οὐχ ἔκουσα/*não voluntariamente*”. Contudo, essa leitura aparece em F G (duas testemunhas ocidentais do tipo Western); Ir<sup>lat</sup> (variante é atestada na versão latina dos escritos de Irineu). Nesta perspectiva, a leitura mais provável de ser a original é a escolhida pelo comitê central da NA28, pela maior gama de apoio de testemunhas confiáveis e mais antigas. Assim, a forma θέλουσα parece uma simplificação ou explicitação posterior do sentido de ἔκουσα.

Além disso, ainda no v.20, o aparato apresenta a variante “ἐπ’ ἐλπίδι/*na esperança*”, com o mesmo significado de ἐφ’ ἐλπίδι. A diferença aqui é de ordem fonética, encontra-se somente na aspiração e acentuação<sup>165</sup>. Desta forma, apesar da referida variante ser atestada em manuscritos importantes como ℣<sup>27</sup> A B<sup>2</sup> C D<sup>2</sup> K L P 33. 81. 104. 630. 1175. 1241. 1505. 1506. 1739. 1881. 2464 ℣; Cl<sup>exThd</sup>, a leitura escolhida pelo comitê central da NA28 é a preferida,

<sup>164</sup> GONZAGA, W., Cuidar da casa comum, que sofre, geme e chora, à luz da Teologia Bíblica da *Laudato Si’* e Rm 8,22, p. 99-112; este tema também pode ser conferido na 2Pedro, no artigo: GONZAGA, W; FERREIRA DOS SANTOS, J. M., A vocação ao cuidado da terra: uma leitura a partir de 2Pedro 1,3-11, p. 5-32.

<sup>165</sup> Isto é, ἐπ’ ἐλπίδι - Contrato da preposição ἐπὶ + substantivo começando com vogal sem espírito áspero (como ἐλπίδι). O pi final de ἐπὶ se transforma em π’ (com apóstrofo) por eufonia. De outro modo, a mesma preposição ἐπὶ, quando a palavra seguinte começa com espírito áspero (como ἐλπίδι), o pi final se muda para phi (φ) - ἐφ’, segundo regra fonética do grego koiné.

dada a antiguidade e preponderância dos manuscritos que a sustenta, como é o caso de  $\mathfrak{P}^{46}$  (Papiro muito importante no que tange às epístolas Paulinas, sobretudo a Epístola aos Romanos), e dos unciais  $\kappa$  B\* D\* F G  $\Psi$ .

No v.21a – “ὅτι καὶ αὐτὴ ἡ κτίσις/*porque também a própria criação*”, a NA28 aponta que há uma variante “διότι/*porque*” em vez de “ὅτι/*que*” nesta posição. A variante διότι é atestada nos manuscritos:  $\kappa$  D\*, F, G, 945. Entretanto, a leitura padrão ὅτι é bem atestada em manuscritos mais antigos e confiáveis:  $\mathfrak{P}^{46}$   $\kappa$  A B C D<sup>2</sup> K L P  $\Psi$ , 0289. 33. 81. 104. 630. 1175. 1505. 1506. 1739. 1881. 2464  $\mathfrak{M}$ ; Cl<sup>exThd</sup> Or. Desta forma, a leitura ὅτι (que) liga-se diretamente ao versículo anterior (v.20), funcionando como conjunção explicativa ou causal subordinada dentro da construção ἐφ' ἐλπίδι ὅτι.... Já a leitura “διότι/*porque*” poderia alterar ligeiramente a relação lógica entre as orações, transformando a afirmação em uma justificativa autônoma para a esperança expressa, e por isso, a leitura mais provável é aquela apresentada pelo comitê central da NA28.

A variante “ἐλευθεροῦνται/*está sendo libertada*”, por sua vez, uma forma no presente passivo indicativo, é atestada somente em  $\mathfrak{P}^{27\text{cvid}}$  e na versão latina da Vulgata (vg<sup>ms</sup>), aparecendo assim como leitura secundária ou conjectural, enquanto que “ἐλευθερωθήσεται/*será libertada*”, uma forma no futuro passivo indicativo, é amplamente atestada em manuscritos de peso, por isso é a leitura preferida, visto que os manuscritos são pesados e não contados<sup>166</sup>.

No v.22c – “καὶ συνωδίνει ἄχρι τοῦ νῦν/*e está em dores de parto até agora*” o aparato crítico da NA28 apresenta a variante “ὀδυνεῖ/*sente dor*”, presente em manuscritos de tipo ocidental F G, e versões aramaicas, que é mais simples e genérica, sem se referir necessariamente à questão do parto, como é o caso de συνωδίνει escolhida pelo comitê central da NA28. Neste caso, pelo critério da *lectio difficilior*<sup>167</sup>, a melhor opção seria esta apresentada pelo comitê.

No v.23a – “οὐ μόνον δέ, ἀλλὰ καὶ αὐτοὶ τὴν ἀπαρχὴν τοῦ πνεύματος ἔχοντες/*e não só isso, mas também nós mesmos, tendo as primícias do Espírito*”, o aparato aponta a variante “καὶ ἡμεῖς αὐτοὶ/*e nós mesmos*” atestada nos manuscritos D F G lat, em vez de “καὶ αὐτοὶ/*também nós mesmos*”, leitura amplamente atestada por manuscritos de peso como  $\mathfrak{P}^{46}$   $\kappa$  A C 81. 1506. 1739. 1881 e escolhida pelo comitê central da NA28, o que aponta para o mais próximo do original. Além disso, pode ser preferida também

<sup>166</sup> GONZAGA, W., A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada Teologia, p. 222.

<sup>167</sup> GONZAGA, W., A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada Teologia, p. 221.



levando em consideração o critério de *lectio brevior potior*<sup>168</sup>. Porém, esta variante e as seguintes parecem ser uma espécie de clarificação para uma maior compreensão do texto, o que é desaconselhável<sup>169</sup>. Outras variantes que aparecem são: “καὶ αὐτοὶ ἡμεῖς οἱ/ε *nós os*”. Esta é atestada somente nos minúsculos 104. 630.

No v.23b – “ἡμεῖς καὶ αὐτοὶ ἐν ἑαυτοῖς στενάζομεν/*também nós mesmos gememos em nós mesmos*” o aparato aponta algumas variantes com leves alterações na ordem das palavras, como é o caso de “καὶ ἡμεῖς αὐτοὶ/*também nós mesmos*”, atestado pelos manuscritos K L P 33. 1175. 1241. 1505. 2464  $\mathfrak{M}$  e “καὶ αὐτοὶ ἡμεῖς/*também mesmos nós*” atestada pelo manuscrito grego 630 e sy<sup>h</sup> versão siríaca Harclense; e outras com pequenas omissões, como é o caso de “καὶ αὐτοὶ/ε *eles mesmos*” sustentada por B 104 lat; Meth que parece uma tentativa de harmonização com a expressão καὶ αὐτοὶ que está no início do v.23a; neste versículo também aparece a variante “ἡμεῖς αὐτοὶ/*nós mesmos*” sustentada por  $\Psi$  d\* g; Ambst; e somente αὐτοὶ (eles/eles mesmos), atestado por D F G vg<sup>ms</sup>. A leitura mais próxima do original, é aquela escolhida pelo comitê central da NA28, uma vez que tal escolha está apoiada em manuscritos de maior peso

No v.24d – “τίς ἐλπίζει;/*Acaso alguém espera?*” o aparato indica a variante “τίς, τί καὶ/*quem e o que?*” atestada em  $\aleph^2$  A C K L P  $\Psi$  33. 81. 104. 630. 1175. 1241. 1505. 1506. 1881. 2464  $\mathfrak{M}$  b sy<sup>h</sup> as; Cl no lugar de “τίς ἐλπίζει/*acaso alguém espera?*”. A referida variante parece um erro de copista uma vez que fere tanto a dinâmica da coesão como da coerência do texto. Deste modo, tendo em vista este ponto e o fato da opção feita pelo comitê ser sustentada pelos manuscritos  $\mathfrak{P}^{46}$  (Papiro de peso no que se refere às Epístolas Paulinas, sobretudo a Epístola aos Romanos) B\* 1739<sup>v1</sup> m\* bo, verifica-se que a leitura mais próxima do original é aquela mesma adotada pelo comitê central da NA28. Tem-se também outras variantes para esta mesma expressão, como é o caso de “τίς, τί/*quem, o que?*” atestada somente por B<sup>2</sup> D F G lat; Or Cyp; e “τίς καὶ/ε *quem*”, sustentado por  $\aleph^*$  1739<sup>txt</sup>.

Ainda no v.24d, aparece a variante “ὕπομένει/*resiste*” apresentada como substituição para “ἐλπίζει/*espera*” nos manuscritos  $\aleph^*$  A 1739<sup>ms</sup> sy<sup>p</sup> co. Apesar de a variante ὕπομένει ter apoio em manuscritos importantes e versões antigas, ela está em número reduzido, e a maioria não representa o texto predominante alexandrino. Além disso, ἐλπίζει é mais apropriado ao contexto, mesmo sendo mais comum. Aqui, a clareza lógica favorece a leitura

<sup>168</sup> GONZAGA, W., A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada Teologia, p. 221.

<sup>169</sup> GONZAGA, W., A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada Teologia, p. 221.

tradicional. Essa variante talvez possa ter ocorrido como uma tentativa de harmonização com a palavra “ὑπομονῆς/*paciência/perseverança*” que ocorre no v.25c, o que não é aconselhável de ser tomada como sendo a preferível<sup>170</sup>.

No v.26a – “Ὡσαύτως δὲ καὶ τὸ πνεῦμα συναντιλαμβάνεται τῇ ἀσθενείᾳ ἡμῶν./*Do mesmo modo também o Espírito toma parte conosco em nossa fraqueza*” aparece a variante: ταῖς ἀσθενείᾳ (fraquezas) presente nos manuscritos: K L P Ψ 33. 1175. 1241. 1505. 1506. 2464 M sy<sup>h</sup> bem como a variante “τῆς δεήσεως/*da súplica*” presente nos manuscritos como F G. Tem-se também a variante: τῇ ἀσθενείᾳ τῆς δεήσεως presente nos manuscritos it; Ambst que apresenta uma leitura que parece uma glosa explicativa e deve ser rejeitada como expansão secundária. Nenhuma variante substancial é encontrada neste ponto e a leitura escolhida pelo comitê central da NA28, apoiada pelos manuscritos ⋈ A B D F G 81. 104. 630.1739. 1881 vg sy<sup>p</sup> co, tem maior peso, e neste sentido deve ser tida como a mais próxima do original.

No v.26d – “ἀλλὰ αὐτὸ τὸ πνεῦμα ὑπερεντυγχάνει στεναγμοῖς ἀλαλήτοις./*mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis*” o aparato crítico, após o verbo “ὑπερεντυγχάνει/*intercede*”, aponta a variante “ὑπὲρ ἡμῶν/*em nosso lugar / em nosso favor*” colocada como acréscimo e sustentada pelos manuscritos ⋈<sup>2</sup> C K L P Ψ 33. 104. (630). 1175. 1241. 1505. 2464 ℣ lat sy co. O texto escolhido pelo comitê central da NA28 apoia-se em manuscritos de mais alta qualidade e mais antigos, ligados à tradição alexandrina e ocidental crítica. Deste modo, deve ser a leitura preferida. Além disso, pelo critério da *lectio brevior potior*<sup>171</sup>, a forma sem ὑπὲρ ἡμῶν é mais curta e, por isso, preferida, já que os copistas tendem a acrescentar informações explicativas para tornar o sentido mais claro.

No v.27c – “ὅτι κατὰ θεὸν ἐντυγχάνει ὑπὲρ ἁγίων./*Porque, como corresponde a Deus, (ele) intercede pelos santos*” a variante: “ἡμῶν/*por nós*” em lugar de ἁγίων/*santos*” aparece no manuscrito 33. Já a leitura canônica ὑπὲρ ἁγίων aparece ser a mais amplamente atestada e coerente com o uso paulino. A variante “ἡμῶν/*por nós*” aparece isoladamente e pode ter surgido por influência litúrgica ou teológica pastoral. Por isso, a leitura tradicional é preferível.

### 3 Análise da constituição do texto e crítica da forma de Rm 8,18-27

Tendo sido realizadas a segmentação e a tradução de um texto bíblico, deve-se partir para a análise de outros aspectos literários que são

<sup>170</sup> GONZAGA, W., A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada Teologia, p. 221.

<sup>171</sup> GONZAGA, W., A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada Teologia, p. 221.

fundamentais para a compreensão daquela que é a questão central apresentada e refletida pelo autor sagrado<sup>172</sup>. Nesta perspectiva, a identificação dos limites do texto, dos elementos que conferem-lhe unidade, coesão e coerência, dos elementos linguísticos que viabilizam o seu enquadramento em determinado gênero literário ou até mesmo em variados gêneros, prorrompe como algo capilar. Também é importante considerar a época e o contexto dos escritos, as questões culturais e teológicas que lhe são próprias. Nesta perspectiva, no que diz respeito à Epístola aos Romanos, e baseando-se na estruturação de Dunn<sup>173</sup> e Fitzmyer<sup>174</sup>, é possível esboçá-la em sete partes:

- I. Introdução (1,1-17) – traz uma saudação inicial e apresentação de Paulo e do Evangelho (vv.1-7), aborda a ação de graças e o desejo de visitar Roma (vv.8-15), é feita a enunciação do tema-chave da epístola que é o Evangelho como poder de Deus para a salvação, bem como a tese teológica: “o justo viverá pela fé” (vv.16-17);
- II. A Universalidade do pecado e a necessidade da justificação (Rm 1,18–3,20) – aborda a respeito da impiedade e injustiça dos gentios (Rm 1,18-32); sobre a responsabilidade dos judeus (Rm 2,1-19), e uma conclusão: “todos estão debaixo do pecado” (Rm 3,1-20)
- III. A justiça de Deus mediante a fé em Cristo (Rm 3,21–5,21) – aborda a justificação pela fé, não pelas obras da lei (Rm 3,21-23), apresenta o exemplo de Abraão: fé antes da lei (Rm 4,1-25), bem como os frutos da justificação: paz, esperança, reconciliação (Rm 5,1-11), e aborda ainda a nova humanidade em Cristo: binômio Adão-Cristo (Rm 5,12-21)
- IV. Nova vida em Cristo e o dom do Espírito (Rm 6,1–8,39) – aborda sobre a morte para o pecado e vida para Deus (Rm 6,1-23), sobre a luta da condição humana sob a Lei (Rm 7,1-25), também trata acerca da vida no Espírito (Rm 8,1-17), da esperança escatológica (Rm 8,18-30), e da vitória definitiva do amor de Deus. (Rm 8,31-39);
- V. O lugar de Israel no plano de salvação (9,1–11,36) – trata da dor de Paulo diante da incredulidade de Israel e da soberania de Deus na eleição (Rm 9,1-29). Em seguida, aborda a justiça que vem da fé, indicando que Israel tropeçou por buscar a justificação pelas obras da Lei, enquanto os gentios a acolheram pela fé (Rm 9,30–10,21). Por conseguinte, apresenta o mistério da salvação de Israel, explicando que

---

<sup>172</sup> LIMA, M. L. C., Exegese Bíblica teoria e prática, p. 76.

<sup>173</sup> DUNN, J. D. G., Romans 1–8, p. 7-11.

<sup>174</sup> FITZMYER, J. A., Romans, p. 96-101.

a rejeição dos judeus não é definitiva, mas parte do plano de Deus para incluir os gentios, com vistas à futura restauração de todo o povo (Rm 11,1-36);

- VI. Exortações para a vida no corpo de Cristo (Rm 12,1-15,13) – aborda a vida cristã como sacrifício espiritual e apresenta orientações éticas para a convivência na comunidade (Rm 12,1-21), trata da relação com as autoridades civis e da vigilância escatológica (Rm 13,1-14), e sobre a acolhida mútua entre os fortes e os fracos na fé, conclamando à unidade entre judeus e gentios na Igreja (Rm 14,1-15,13);
- VII. Conclusão (Rm 15,14-16,27) – relata os planos missionários de Paulo e sua intenção de visitar Roma a caminho da Espanha (Rm 15,14-33), apresenta recomendações e saudações pessoais a diversos membros da comunidade (Rm 16,1-23), e encerra com uma doxologia que reafirma a fidelidade de Deus e a universalidade do evangelho (Rm 16,25-27).

Tendo vista o referido esboço feito tomando como base estruturas apresentadas por Fitzmyer<sup>175</sup>, Byrne<sup>176</sup> e Writte<sup>177</sup>, é possível identificar que a perícopes de Rm 8,18-27 encontra-se inserida no núcleo temático de Rm 8, capítulo central da epístola, que trata da vida segundo o Espírito<sup>178</sup>. Neste contexto, os vv.18 a 27 desenvolvem uma meditação sobre a tensão escatológica que caracteriza a existência cristã: os fiéis vivem entre a certeza da salvação e o sofrimento presente, entre o já e o ainda não da redenção.

Este bloco pode ser delimitado como um subcorpo unitário dentro da seção Rm 8,1-30, formando uma progressão temática e argumentativa que se desenvolve em três movimentos principais: 1. A esperança da glória futura (vv.18-21), 2. A expectativa da criação e da humanidade (vv.22-25), e 3. A ação intercessora do Espírito (vv.26-27).

A unidade da perícopes é garantida por vários recursos literários e temáticos. Primeiramente, é possível identificar uma espécie de estrutura quiástica, bem como repetição de palavras e conceitos-chave, como “παθήματα/*sofrimentos*”, “δόξα/*glória*”, “ἐλπίς/*esperança*”, “κτίσις/*criação*”, e “στένναγμα/*gemido*”. Tais elementos reforçam a ligação

---

<sup>175</sup> FITZMYER, J. A., Romans, p. 111-113.

<sup>176</sup> BYRNE, B., Romans, p. 3-5.

<sup>177</sup> WRIGHT, N. T., The Letter to the Romans, p. 395-398.

<sup>178</sup> SANTOS FILHO, J.; GONZAGA, W., O Espírito e a filiação cristã: a antropologia pneumatológica de Paulo na Carta aos Romanos (2021).

entre os três parágrafos internos da seção e criam um arco temático que sustenta a coesão do texto.

A introdução feita com “λογίζομαι/*considero*”, v.18, marca o início de uma reflexão cautelosa, indicando que Paulo está estabelecendo uma nova etapa em seu raciocínio. O verbo no presente indica uma continuidade da convicção apostólica. Nesta perspectiva, o desenvolvimento subsequente (vv.19-22) desloca a atenção para a criação, personificada e colocada em expectativa escatológica: “ἀποκαραδοκία/*a ardente expectativa da criação*”.

Byrne<sup>179</sup> observa que esse uso quase poético da criação como sujeito ativo é um recurso estilístico que confere peso teológico e literário à passagem, aproximando Paulo das tradições apocalípticas judaicas nas quais a criação aguarda redenção juntamente com o povo de Deus.

O texto avança com o uso de repetição de estruturas e paralelismos semânticos que mantêm a fluidez e a progressão do argumento. A expressão “οὐ μόνον δέ/*e não só isso, mas também*”, v.23 introduz o segundo movimento textual, unindo de modo orgânico a sorte da criação e a experiência dos crentes que possuem “as primícias do Espírito”. Esse vínculo reforça o aspecto de solidariedade cósmica na tensão escatológica, como nota Dunn<sup>180</sup> que o sofrimento humano não é isolado, mas está inserido em uma dinâmica de redenção universal.

Nos vv.26-27, que correspondem a um terceiro momento, a coesão é mantida pela expressão “ὡσαύτως δὲ καὶ/*do mesmo modo também*”, que conecta logicamente a atuação do Espírito Santo à situação descrita anteriormente. O uso de verbos compostos raros como “συναντιλαμβάνεται/*vem em auxílio*” e “ὑπερεντυγχάνει/*intercede a favor de*” contribui para o peso teológica da perícope, apresentando um Espírito que não apenas inspira ou santifica, mas que geme com os que creem e ora em seu lugar, linguagem fortemente encarnada e afetiva.

Jewett<sup>181</sup> e Fitzmyer<sup>182</sup>, ao destacar também a inidade literária da supramencionada perícope, que notam que Rm 8,18-27 forma uma seção coesa por sua função argumentativa e parenética, garantindo consolo, fundamento da esperança e justificativa para a perseverança cristã em meio às tribulações e adversidades. Segundo compreendem os referidos autores, a progressão das ideias é fluida e ascendente: dos sofrimentos presentes (v.18),

---

<sup>179</sup> BYRNE, B., Romans, p. 255.

<sup>180</sup> DUNN, J. D. G., Romans 1-8, p.467.

<sup>181</sup> JEWETT, R., Romans, p. 517-519.

<sup>182</sup> FITZMYER, J. A., Romans, p. 501-504

passa-se à expectativa cósmica da glória (vv.19-25), e conclui-se na ação eficaz do Espírito, que assiste os crentes em sua fraqueza (vv.26-27).

No que diz respeito ao âmbito linguístico, é possível verificar que os tempos verbais no presente e no aoristo são predominantes no texto, indicando tanto a atualidade da tensão como o caráter escatológico consumado da obra de Deus. O uso de metáforas corporais e cósmicas (parto, gemidos, fraqueza) confere ao texto uma expressividade simbólica que vai além da mera lógica discursiva, tocando profundamente a dimensão existencial da fé cristã.

O v.24 traz a sequência “ἐλπίδι ἐσώθημεν/*na esperança fomos salvos*”, com o aoristo ἐσώθημεν, manifestando uma ação passada e concluída, em contraste com os verbos seguintes, que aparecem no presente e futuro, como “βλέπει/*vê*”. Essa combinação de tempos verbais sinaliza uma tensão formal entre uma salvação já efetivada e uma realidade ainda não plenamente visível, elemento central da escatologia paulina.

O uso de perguntas retóricas em v.24c-25 (pois o que alguém vê, por que também espera?) é um recurso formal que dinamiza a argumentação e envolve o leitor na lógica do raciocínio apostólico. Tais construções são típicas das epístolas paulinas e funcionam como convites à reflexão, além de imprimirem oralidade ao texto.

No v.26a, é feita a introdução da atuação do Espírito com a expressão “ὡσαύτως δὲ καὶ/*do mesmo modo também*”, um conectivo formal que assegura a coesão com os versículos anteriores e introduz o clímax teológico da perícopa. O verbo συναντιλαμβάνεται (presente do indicativo médio) transmite a ideia de colaboração ativa do Espírito com os crentes, e seu uso no presente sublinha a ação contínua e atual do Espírito no sofrimento humano. O verbo ὑπερεντυγχάνει (v.27) aparece no presente, transmitindo a ação constante e eficaz do Espírito que intercede com “στεναγμοῖς ἀλαλήτοις/*gemidos inexprimíveis*”, expressão que se destaca formalmente por sua carga poética e misteriosa.

A presença de orações subordinadas consecutivas e causais como no v.18a: λογίζομαι γὰρ ὅτι... (γὰρ introduz uma explicação do raciocínio precedente sobre o sofrimento presente) e no v.20a: τῇ γὰρ ματαιότητι ἡ κτίσις ὑπετάγη... (Causa histórico-teológica da condição da criação), entre outros; o uso deliberado de vocabulário técnico paulino (glória, adoção, esperança, redenção), e a alternância entre a voz ativa (συστενάζει, v.22b: “geme juntamente; συνωδίνει, v.22c: “sofre dores de parto”; στενάζομεν, v.23b: “gememos” ; οἶδαμεν, v.22a, οἶδεν, v.27b: “sabemos/sabe”; ἐραυνᾷ, v.27a:



“perscruta”) e a média (ἀπεκδέχεται, v.19a: “aguarda com expectativa”; ἀπεκδεχόμενοι, v.23c: “aguardando”; ἀπεκδεχόμεθα, v.25c: “aguardamos” συναντιλαμβάνεται, v.26a: “toma parte conosco”; ὑπερεντυγχάνει, v. 26d: “intercede por nós”; ἐντυγχάνει, v.27c: “intercede”), viabilizam a construção de uma forma literária sólida, escalonada e circular, típica dos textos mais elaborados de Paulo.

Por fim, verifica-se uma profunda articulação entre a antropologia, a cosmologia e a pneumatologia paulinas, o que torna a perícope rica e singular. A “fraqueza” humana (ἀσθένεια, v.26) é contraposta à força intercessora do Espírito; a “κτίσις/criação” partilha dos “συστενάζει, συνοδινεῖ/*gemidos*” que são também os do cristão e do Espírito, formando uma comunhão tríplice na dor e na esperança, cuja síntese aponta para a plena revelação dos filhos de Deus (v.21) e a redenção do corpo (v.23).

#### **4 Estrutura da perícope Rm 8,18-27**

A estrutura tripartida que segue abaixo, de esboço próprio, destaca não apenas uma organização argumentativa-textual, como também de índole de progressão teológica:

##### **I. A esperança da glória futura (vv.18-21):**

a) Declaração teológica de abertura (v.18): Paulo inicia com uma convicção cristã fundamentada na escatologia: os sofrimentos do presente não são comparáveis à glória futura que se manifestará nos crentes. O uso do verbo λογίζομαι indica uma ponderação teológica pessoal, mas com força argumentativa, marcando o tom de consolação e firmeza da seção.

b) Personificação e espera da criação (vv.19-21):

A criação é apresentada como sujeito ativo que vive em expectativa intensa (ἀποκαρδοκία), aguardando a revelação dos filhos de Deus. Ela foi sujeitada à transitoriedade não por vontade própria, mas por ação divina, e vive na esperança de que também será libertada da corrupção para participar da liberdade gloriosa dos filhos de Deus. O encadeamento lógico e teológico desses versículos mostra que a redenção não é apenas antropológica, mas também cósmica, evidenciando a abrangência universal da obra salvífica de Deus.

##### **II. A expectativa da criação e da humanidade (vv.22-25).**

a) O gemido da criação (v.22): Paulo afirma que toda a criação geme como em dores de parto até agora. O uso dos verbos συστενάζει e συνωδινεῖ, no presente, comunica a continuidade dessa condição, e o

paralelismo com o parto aponta para uma expectativa fecunda, e não para uma dor vazia.

b) O gemido interior dos que creem (v.23): Os que possuem as primícias do Espírito também gemem em seu íntimo, aguardando a adoção definitiva, a redenção do corpo. A linguagem da “adoção” aqui não nega a adoção já realizada (Rm 8,15), mas indica sua plenitude escatológica. A salvação, portanto, inclui a libertação corpórea, ressaltando a antropologia integral de Paulo.

c) A esperança como dimensão ativa da salvação (vv.24-25): A salvação é posta no horizonte da esperança a qual é paradoxal, pois se refere ao que ainda não se vê. A construção retórica com perguntas reforça a lógica do invisível como espaço da fé. Deste modo, a “ὕπομονή/*perseverança*” torna-se aqui atitude existencial própria do cristão que caminha entre o já e o ainda não da redenção.

### III. A ação intercessora do Espírito (vv.26-27):

a) A ajuda do Espírito na fraqueza (v.26): A conclusão da perícope apresenta a ação do Espírito como auxílio diante da limitação humana na oração. Há uma profunda solidariedade: o Espírito geme “στεναγμοῖς ἀλαλήτοις/*com gemidos inexprimíveis*”, assumindo, por assim dizer, a linguagem do sofrimento humano.

b) O conhecimento de Deus e a intercessão conforme sua vontade (v.27): Deus, que sonda os corações, conhece a “φρόνημα/*intenção*” do Espírito, pois sua intercessão ocorre “como corresponde a Deus”, isto é, conforme o plano divino. Essa última afirmação confere segurança teológica à oração cristã: mesmo na ignorância e na fraqueza, o Espírito supre o que falta, atuando com perfeita conformidade à vontade de Deus.

## 5 Crítica do gênero literário

Na Epístola aos Romanos, embora apresente uma estrutura típica do gênero literário carta, é possível verificar em seu interior um forte caráter teológico e argumentativo que levou autores como Fitzmyer<sup>183</sup>, James<sup>184</sup> e Moo<sup>185</sup> a descrevê-la como uma espécie de tratado teológico sob a forma epistolar, como que a *Summa Theologica Pauli*.

Esses aspectos teológicos e doutrinários vêm precisamente ao encontro também do contexto e do auditório para o qual a epístola se destinava, isto é,

---

<sup>183</sup> FITZMYER, J. A., Romans, p. 79.

<sup>184</sup> DUNN, J. D. G., Romans 1–8, p. lv–lviii.

<sup>185</sup> MOO, D. J., The Epistle to the Romans, p. 13.

Paulo escreveu de modo a dar a conhecer a si, e ao Evangelho, a uma comunidade que ainda não havia sido visitada por ele pessoalmente, e ao mesmo tempo para anunciar a sua ida a Roma. Além desses aspectos supramencionados, a epístola apresenta uma estrutura retórica de tal modo desenvolvida como o uso de diatribes, perguntas retóricas, refutação de objeções e argumentos encadeados, como se estivesse dialogando com um interlocutor imaginário, (conforme se verifica em Rm 2–3), o que levou a alguns autores, como Stanley<sup>186</sup>, a argumentarem que Romanos se encaixa no subgênero das epístolas deliberativas.

Outros estudiosos, como Byrne<sup>187</sup>, sublinham que, apesar do seu caráter doutrinal, Romanos também cumpre funções epistolares práticas, como a apresentação pessoal de Paulo a uma comunidade que ainda não conhecia (Rm 1,1-15), a defesa de seu ministério e o pedido de apoio para sua missão à Espanha (Rm 15,22-29). Isso reforça o elemento epistolar de caráter parenético e pastoral.

Tendo em vista esses elementos pontuados acima referentes a inteira Epístola aos Romanos, segue-se agora para a crítica do gênero literário do referido texto de Rm 8,18-27. Esta perícopes se apresenta, predominantemente, como um texto parenético-teológico com traços marcantes de linguagem escatológica e cósmica, sendo difícil reduzi-lo a um único gênero tradicional. Entretanto, pode-se afirmar que seu núcleo é integrado por uma reflexão soteriológica e consoladora, característica própria dos discursos parenéticos de Paulo, mas revestida por imagens e estruturas discursivas que evocam tanto hinos quanto oráculos apocalípticos<sup>188</sup>.

A perícopes de Rm 8,18-27 começa com uma proposição que indica contraste: “os sofrimentos do tempo presente não têm comparação com a glória futura a ser revelada em nós.” (v.18bc), estrutura que, conforme observa Fitzmyer, é típica das seções parenéticas em que Paulo objetiva consolar e ao mesmo tempo exortar, apresentando a tensão escatológica entre o “já” e o “ainda não”<sup>189</sup>. Verifica-se ainda que “o apóstolo dos gentios” e “mestre das nações” (Rm 11,13; 1Tm 2,7)<sup>190</sup> recorre a imagens da criação em sofrimento (vv.19-22), personificando a realidade criada como uma entidade em expectativa, que geme e sofre “como em dores de parto”. Tal personificação da

---

<sup>186</sup> STOWERS, S. K., *A Rereading of Romans*, p. 3.

<sup>187</sup> BYRNE, B., *Romans*, p. 7-10.

<sup>188</sup> BYRNE, B., *Romans*, p. 256.

<sup>189</sup> FITZMYER, J. A., *Romans*, p. 501.

<sup>190</sup> GONZAGA, W.; LIMA, A. P., *A autocompreensão missionária de Paulo em Rm 11,13 e 1Tm 2,7*, p. 29-76.

κρίσις aproxima o trecho do gênero apocalíptico, especialmente nas descrições de uma ordem cósmica em crise que aguarda a manifestação final dos desígnios de Deus<sup>191</sup>.

A sequência dos vv.23-25 aprofunda o aspecto existencial e escatológico, dilatando o olhar da criação para a própria comunidade dos fiéis, que “gemem em si mesmos”, numa expectativa igualmente redentora. Este duplo gemido, isto é, o da criação e o dos crentes, prepara a entrada de um terceiro sujeito: o Espírito, que intercede “com gemidos inexprimíveis” (v.26d). Segundo Moo<sup>192</sup>, a inserção desse novo agente no drama da redenção, confere ao texto coloridos de uma dramatização teológica, um minidrama dentro da parênese paulina.

Além disso, conforme destaca Dunn<sup>193</sup>, a progressão trina (esperança de glória, gemido da criação e intercessão do Espírito) possui, uma estrutura litúrgico-mediante, sugerindo que Paulo esteja utilizando fórmulas e imagens já conhecidas de sua tradição comunitária. Nessa perspectiva, é possível identificar aqui ecos de um hino primitivo (sobretudo nos vv.19-22), que, posteriormente, teria sido reelaborado pelo apóstolo dentro de seu próprio arcabouço teológico.

Apesar da proeminência da exortação teológica (parênese escatológica), o texto não pode ser limitado a esse único elemento. Há nele, simultaneamente, coloridos de linguagem apocalíptica, hínica e sapiencial, tecendo assim um delineado estilístico que, segundo Wright<sup>194</sup>, é intencional: Paulo deseja elevar o ânimo dos crentes sofredores conectando sua dor à esperança universal da redenção, e o faz por meio de imagens que transcendem os limites de um único gênero.

Em síntese, Rm 8,18-27 é uma unidade literária complexa, predominantemente parenética-teológica, mas permeada de imagens escatológicas e cósmicas. Seu efeito é, ao mesmo tempo, consolador e mobilizador. Deste modo, Paulo não apenas interpreta o sofrimento humano e cósmico à luz da esperança cristã, mas também situa esse sofrimento no plano trinitário da salvação, conferindo-lhe sentido escatológico.

## 6 Comentário exegético de Rm 8,18-27

A perícopes de Rm 8,18-27 constitui um dos destaques da reflexão paulina sobre a condição humana redimida em meio à história, com ênfase para a ação

---

<sup>191</sup> HAHNE, H., *The Corruption and Redemption of Creation*, p. 97-132.

<sup>192</sup> MOO, D. J., *The Epistle to the Romans*, p. 526.

<sup>193</sup> DUNN, J. D. G., *Romans 1–8*, p. 470.

<sup>194</sup> WRIGHT, N. T., *Redemption from the New Perspective?*, p. 69-100.

do Espírito Santo, a tensão escatológica entre o “já” e o “ainda não”, e a dimensão cósmica da salvação. Essa unidade literária é cuidadosamente desenvolvida por Paulo, o qual amálgama antropologia, cosmologia e pneumatologia em uma teologia que consola, mobiliza e orienta a comunidade cristã em meio ao sofrimento. Seu tom pastoral e teológico desponta e se insere organicamente no núcleo argumentativo de Rm 8,1-30, como parte fundamental da exposição da nova vida no Espírito.

A referida perícopes inicia com uma declaração solene e resoluta: “De fato, considero que os sofrimentos do tempo presente não têm comparação com a glória futura a ser revelada em nós” (v.18). O uso do verbo “λογίζομαι/*considero*” introduz uma ponderação teológica, frequentemente usada por Paulo para indicar juízos doutrinários à luz da fé, como se verifica também em Rm 6,11 no convite a comunidade para em Cristo as pessoas se considerem mortos para o pecado e vivos para Deus. É justamente nesta perspectiva que o versículo marca a abertura de uma tríade testemunhal sobre o destino do cristão, contrapondo os sofrimentos presentes à certeza escatológica da glória revelada em nós.<sup>195</sup>

Essa glória futura não constitui apenas uma experiência que se dará no *post mortem*, mas a manifestação escatológica da vida da nova criação que já está em operação por meio da ressurreição de Cristo. Neste sentido, Paulo está mostrando como a redenção é o ponto culminante da história de Israel reinterpretada à luz do Messias crucificado e ressuscitado.<sup>196</sup>

O v.19 introduz “ἡ ἀποκαταδοκία τῆς κτίσεως/a criação em ardente expectativa” como sujeito. A criação é aqui personificada e retratada como parte ativa no drama da redenção. Verifica-se, sob este prisma, que se trata da “criação material” não-humana, solidária com o próprio destino do homem redimido, apontando até mesmo para a aliança descrita em Gn 9,12-13: “Eis o sinal da aliança que instituo entre mim e vós e todos os seres vivos...”<sup>197</sup>.

Verifica-se ainda no v.19 o uso de linguagem apocalíptica, com ecos do judaísmo intertestamentário. Segundo Hahne<sup>198</sup>, o uso de expressões como “ματαιότης/*sujeição à vaidade*”, “δουλεία τῆς φθορᾶς/*escravidão da corrupção*” e “συστενάζει/*gemido da criação*” evoca a tradição literária

---

<sup>195</sup> FITZMYER, J. A., A Carta aos Romanos, p.562.

<sup>196</sup> WRIGHT, N. T., The Letter to the Romans, p. 595.

<sup>197</sup> FITZMYER, J. A., A Carta aos Romanos, p.563.

<sup>198</sup> HAHNE, H., The Corruption and Redemption of Creation, p.83

apocalíptica, presente em obras como 1Enoque<sup>199</sup>, 4Esdras<sup>200</sup> e o Apocalipse de Baruc<sup>201</sup>, nas quais a criação participa do drama do pecado e da dinâmica da redenção. Ainda para Hahne<sup>202</sup>, no judaísmo do Segundo Templo, era comum a expectativa de uma restauração cósmica que acompanhasse a intervenção escatológica de Deus. Nesse contexto, a criação não é apenas pano de fundo da história humana, mas personagem ativa e sofredora, que aguarda o juízo e a renovação definitivos.

Neste sentido, é possível depreender que Paulo assume essas imagens para mostrar que a queda afetou não só os seres humanos, mas toda a ordem criada, e que, com a revelação final dos filhos de Deus, a criação será finalmente redimida. Essa linguagem cósmica de Rm 8,19-22, portanto, não é alegórica nem simbólica apenas, mas participa da escatologia realista do pensamento apocalíptico judaico, no qual céu, terra e humanidade aguardam uma restauração conjunta<sup>203</sup>.

Seguindo este itinerário, Penna<sup>204</sup> reforça que a expressão “*υιοὶ τοῦ θεοῦ/filhos de Deus*” retoma o tema da adoção filial de Rm 8,15-17, vinculando a glória futura não a uma abstração teológica, ou a um mero conceito, mas ao destino concreto de corpos redimidos e transfigurados.

Em Rm 8,20, Paulo afirma que “a criação foi sujeitada à vaidade, não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança...”. É possível enxergar aqui que a estrutura do v.20 sugere claramente uma leitura teológica: Deus sujeitou a criação como parte de um plano redentor, visando

---

<sup>199</sup> *Apud* HAHNE, H., *The Corruption and Redemption of Creation*, p. 103. Em 1Enoque 7-10, é apresentada a figura dos anjos caídos (os Vigilantes) que ensinam aos homens a violência e a idolatria, corrompendo não apenas a humanidade, mas também toda a criação, que se torna cúmplice do pecado. Além disso, o texto aborda que a terra geme sob o peso do pecado humano (7,6; 8,4; 9,2), e se contamina com sangue e injustiça. Também é possível verificar no texto que Deus promete restaurar a criação na vinda do Juiz escatológico, que purificará a terra e trará justiça. Todos esses elementos apontam para aquilo que trata a referida perícopa de Rm 8,18-27.

<sup>200</sup> *Apud* HAHNE, H., *The Corruption and Redemption of Creation*, p. 103. O texto descreve o desmoronamento da ordem natural, com gemidos da terra, escurecimento dos corpos celestes e colapsos naturais. Além disso, a criação inteira sofre por causa da impiedade humana e anseia pela restauração final que virá com o Messias. (4Esdras 5,1-13).

<sup>201</sup> *Apud* HAHNE, H., *The Corruption and Redemption of Creation*, p. 103. O texto apresenta que a terra, o céu e os elementos são apresentados como lamentosos diante de Deus, por causa da corrupção do mundo e que Deus julgará não apenas os homens, mas toda a criação será purificada e renovada. (2Baruc 44,12-15)

<sup>202</sup> HAHNE, H., *The Corruption and Redemption of Creation*, p. 103.

<sup>203</sup> HAHNE, H., *The Corruption and Redemption of Creation*, p. 103.

<sup>204</sup> PENNA, R., *Carta a los Romanos*, p. 733.



uma restauração futura. A própria expressão “ἐφ’ ἐλπίδι/*na esperança*” pode ser identificado como um indício da intenção salvífica de Deus, mesmo na dor cósmica.<sup>205</sup>

O v.21 explora acerca da conclusão da expectativa escatológica da criação: “também ela será libertada da escravidão da corrupção para a liberdade da glória dos filhos de Deus”. A expressão “ἐλευθερία τῆς δόξης/*liberdade da glória*” reforça que o destino glorioso da criação está inseparavelmente vinculado à manifestação final dos filhos de Deus, ideia delineada também em 1Cor 15,23-28<sup>206</sup>.

Ainda nesta esteira, Keener<sup>207</sup> destaca que os termos “φθορά/*corrupção*” e “δουλεία/*escravidão*” evocam imagens do Egito e do Êxodo. O Espírito seria, neste sentido, o novo “guia libertador” que conduz não apenas a humanidade, mas a inteira criação, da escravidão à glória. Schreiner<sup>208</sup>, por sua vez, sublinha que a libertação da criação não deve ser espiritualizada. Para o autor, ela incluirá uma renovação física e material do cosmos, em continuidade com a teologia veterotestamentária de uma terra redimida.

É interessante perceber que no v.22b é dado um destaque para a universalidade do sofrimento: “que toda a criação geme conjuntamente e está em dores de parto até agora”. Paulo, realiza uma adaptação para expressar a agonia universal em direção à renovação.<sup>209</sup>

É justamente sob este viés que Paulo usa essa metáfora do parto como recurso escatológico que remete às dores do tempo presente como prelúdio da nova criação. A natureza geme porque participa, embora passivamente, do drama redentor da história, e porque está destinada a compartilhar da glorificação dos filhos de Deus.<sup>210</sup>

O v.23 apresenta um elemento importante, uma vez que trata das primícias do Espírito: “e não só isso, mas também nós mesmos, tendo as primícias do Espírito, gememos em nós mesmos...”. A expressão “ἀπαρχὴ τοῦ πνεύματος/*primícias do Espírito*” podem ser identificadas com os primeiros frutos da colheita escatológica, isto é, o penhor da glória futura.<sup>211</sup>

---

<sup>205</sup> MATERA, F. J., Romans, p. 197.

<sup>206</sup> FITZMYER, J. A., A Carta aos Romanos, p. 563.

<sup>207</sup> KEENER, C. S., Romans, p. 108.

<sup>208</sup> SCHREINER, T. R., Romans, p. 436.

<sup>209</sup> FITZMYER, J. A., A Carta aos Romanos, p. 563.

<sup>210</sup> DÍAZ RODELAS, J. M., Carta aos Romanos, p. 438.

<sup>211</sup> DUNN, J. D. G., Romans 1–8, p. 473.

Além disso, o termo “*ὑιοθεσία/adoção*” aqui mencionado pode ser compreendido como uma fase futura da adoção já inaugurada. Penna<sup>212</sup> interpreta essa “adoção escatológica” como um aprofundamento do tema da filiação já tratado em Rm 8,15: enquanto ali a filiação é recebida no Espírito, em Rm 8,23 ela é consumada na redenção do corpo, ou seja, na ressurreição. Isso evidencia a antropologia integral de Paulo, que recusa um dualismo entre corpo e espírito.

É interessante mencionar aqui que Velloso<sup>213</sup> destaca a imagem do gemido “interior” como referência à luta interna entre aquilo que já foi recebido e aquilo que ainda é aguardado. Para ele, a experiência cristã é marcada por essa tensão de ser filho de Deus, mas ainda esperar a plenitude dessa filiação. Isso confere à esperança um caráter ativo e amadurecido, fruto do Espírito.

Nos vv.24-25, Paulo aborda explicitamente que a salvação já recebida (o que se verifica pelo uso do verbo *ἐσώθημεν* no aoristo)<sup>214</sup> está posta na esperança. A pergunta retórica do v.24 (Quem espera o que vê?) sublinha o paradoxo da fé: é precisamente o que não se vê que se espera com “*ὑπομονή/perseverança*”, tema crucial da espiritualidade paulina, presente por exemplo em 2Cor 5,7.

Vale ressaltar que a esperança, para Paulo, não é mero sentimento subjetivo, mas parte constitutiva da salvação escatológica. Ela se manifesta em uma espera paciente, ativa e fiel, alimentada pelas primícias do Espírito. A “*ὑπομονή/perseverança*” aqui não é passiva, mas sustentada pela certeza da promessa divina.<sup>215</sup>

Schreiner<sup>216</sup> acrescenta que o argumento de Paulo tem aqui uma dimensão pedagógica, uma vez que ele ensina a igreja a viver no hiato e/ou no intervalo entre a ressurreição de Cristo e a manifestação final da glória. Nesta perspectiva, a esperança pode ser compreendida como o *ethos* escatológico daquele que crê, sustentando-o em meio às tribulações e sofrimentos. Nesta mesma esteira, Pérez Millos<sup>217</sup> observa que essa esperança não se radica em evidência visível, mas em confiança na fidelidade de Deus. A espera paciente é um dos maiores sinais da maturidade cristã e da certeza interior da fé.

---

<sup>212</sup> PENNA, R., Carta a los Romanos, p. 739.

<sup>213</sup> VELLOSO, A., Estudo Bíblico, p. 122.

<sup>214</sup> Segundo apresentado em FITZMYER, J. A., A Carta aos Romanos, p.563, esse aoristo pode ser gnômico, isto é, indicando uma verdade universal.

<sup>215</sup> MATERA, F. J., Romans, p. 200.

<sup>216</sup> SCHREINER, T. R., Romans, p. 440.

<sup>217</sup> PÉREZ MILLOS, S., Romanos, p. 869.

A seção tem o seu termo com uma das afirmações mais consoladoras de Paulo, presente no v.26a: “Do mesmo modo também o Espírito toma parte (ajuda) conosco em nossa fraqueza...”. O verbo “συναντιλαμβάνεται/*toma parte conosco/ nos ajuda*” denota o auxílio direto e cooperativo do Espírito na oração. Dado que o cristão não sabe orar como convém, o Espírito é aquele que intercede com “στεναγμοῖς ἀλαλήτοις/*gemidos inexprimíveis*”, linguagem densa e profunda, que aponta para uma oração não articulada racionalmente, mas verdadeiramente eficaz.

Keener<sup>218</sup> observa que essa intercessão do Espírito é uma das expressões mais íntimas da solidariedade divina com o ser humano sofredor. A oração do Espírito não é independente daquele que crê, mas ocorre “em” e “com” ele, manifestando uma profunda união com o sofrimento e a fraqueza dos santos.

Outro ponto importante, segundo Díaz Rodelas<sup>219</sup> é o fato de que a expressão καθὼς δεῖ (como convém) tem valor normativo, isto é, indica que há uma forma própria de orar segundo o Espírito, e não segundo a carne. Desta forma, a incapacidade humana de orar corretamente é superada pelo Espírito, que conhece o interior de Deus e do homem.

Além disso, Wright<sup>220</sup> observa que esses “gemidos inexprimíveis” evocam não apenas a criação, mas o próprio Jesus em sua agonia, como apresenta Mc 14,33-36 no contexto do Getsêmani. Assim, o Espírito participa do drama da cruz atualizado na vida de cada homem e mulher de fé, funcionando como vínculo entre a experiência da fraqueza e o poder da ressurreição.

O v.27ab conclui com uma afirmação teológica de grande importância: “porém aquele que perscruta os corações sabe qual é o propósito do Espírito”. Este versículo aborda Deus como conhecedor do íntimo (Sl 139,1; 1Sm 16,7), e que o Espírito intercede “κατὰ θεὸν/*segundo Deus*”, ou seja, em perfeita consonância com a vontade divina. Aqui se encerra a tríade escatológica da seção: criação, crentes e Espírito gemem e aguardam a plena redenção.

Penna<sup>221</sup> aponta que essa intercessão “segundo Deus” é um modo de falar da perfeita consonância entre o Espírito e o Pai. O Espírito, ao interceder, já está dentro do projeto divino. Não se refere aqui a uma espécie de mediação externa, mas sim a expressão interna do próprio querer de Deus em favor dos santos.

---

<sup>218</sup> KEENER, C. S., Romans, p.112.

<sup>219</sup> DÍAZ RODELAS, J. M., Carta aos Romanos, p. 441.

<sup>220</sup> WRIGHT, N. T., The Letter to the Romans, p. 603.

<sup>221</sup> PENNA, R., Carta a los Romanos, p. 746.

Em outras palavras, o Espírito não é simplesmente uma força inspiradora, mas aquele que conhece a vontade de Deus porque participa dela desde dentro da Trindade. Assim, mesmo quando os cristãos não sabem como orar, a oração não cessa, uma vez que ela é assumida e elevada por aquele que ora em nós.<sup>222</sup>

Os vv.26-27 constituem, portanto, uma espécie de clímax teológico, onde a vida cristã, marcada por sofrimento, esperança e fraqueza, é sustentada pelo Espírito que atua como advogado, intercessor e consolador, cumprindo assim a promessa de Jesus presente em Jo 14,16: “e rogarei ao Pai e ele vos dará outro Paráclito, para que convosco permanece para sempre”, em chave paulina.<sup>223</sup>

Em suma, neste sentido, a oração cristã nunca está sozinha. Mesmo sem palavras, o Espírito transforma o clamor confuso daqueles que creem em intercessão perfeita. É essa certeza que permite orar mesmo na dor, porque a eficácia não depende da eloquência humana, mas da fidelidade divina<sup>224</sup>.

## Conclusão

A análise de Rm 8,18-27, com o auxílio de alguns passos do método histórico-crítico, permitiu não apenas iluminar a profundidade teológica da perícopes, como também explicitar seu lugar privilegiado dentro do arcabouço argumentativo da Epístola aos Romanos. Ao tratar da tensão entre o sofrimento presente e a glória futura, Paulo conduz o leitor a um caminho de consolação e firmeza, em que a fraqueza humana não é silenciada ou anulada, mas reconhecida como verdadeiro e legítimo espaço de ação e manifestação do Espírito Santo. Nesta perspectiva, a perícopes amálgama, de forma profundamente pastoral e escatológica, os elementos da condição humana, da criação e do agir divino, compondo uma teologia que, ao mesmo tempo em que consola, conduz à perseverança.

No decurso da investigação, identificou-se que Romanos, embora revestida da forma epistolar, destaca-se como uma exposição sistemática e madura da teologia paulina, voltada a uma comunidade ainda não visitada, mas marcada pela fé e pela tensão étnico-religiosa entre judeus e gentios. Assim, a perícopes de Rm 8,18-27, situada no centro da seção pneumatológica, aparece como uma das mais altas expressões da esperança cristã em meio ao sofrimento, revelando, neste sentido a solidariedade da criação, da humanidade e do Espírito no drama da redenção.

---

<sup>222</sup> MATERA, F. J., Romans, p. 203.

<sup>223</sup> SCHREINER, T. R., Romans, p. 443.

<sup>224</sup> PÉREZ MILLOS, S., Romanos, p. 869.

Tanto a segmentação e a tradução da perícope, quanto a crítica textual revelaram a estabilidade essencial do texto, bem como a riqueza de suas variantes, que, ainda que discretas, ampliam a compreensão da intenção paulina. O estudo da estrutura interna da perícope evidenciou uma progressão ternária: esperança da glória futura, gemido da criação e intercessão do Espírito, constituindo, desta forma, um movimento ascendente de consolação e fundamentação da esperança escatológica. Tal tríade se desdobra em um entrelaçamento de formas literárias (parenéticas, apocalípticas e hínicas), com recursos estilísticos e verbais que sublinham o caráter ativo, orante e existencial do texto.

A crítica da forma e a do gênero literário possibilitaram compreender a perícope não apenas como discurso teológico, mas como uma espécie de minidrama cósmico-espiritual, no qual a criação é personificada, os crentes são interiormente movidos e o Espírito atua como agente que intercede conforme a vontade de Deus. Deste modo, a linguagem dos gemidos: “*συστενάζει/geme conjuntamente*”, “*συνωδίνει/está em dores de parto*”, “*στενάζομεν/gememos em nós mesmos*”, “*στεναγμοῖς ἀλαλήτοις/com gemidos inexprimíveis*” exprime não apenas dor, mas uma profunda e verdadeira comunhão na esperança, marcada por expectativa, desejo e oração transformadora.

No centro da reflexão está a atuação do Espírito Santo como auxílio à fraqueza e debilidade humana. Vale ressaltar ainda que a presença do Espírito não é distante, mas está radicalmente inserida na vida dos que creem. Ele é aquele que ajuda, que intercede, que geme com o homem e pelo homem. Sua ação, conforme sublinhado, não suprime a necessidade da oração humana, mas a assume e a eleva, sendo ele próprio a garantia da conformidade com o desígnio divino. O Espírito é, portanto, simultaneamente, garantia da glória futura e força ativa na espera paciente.

Portanto, Rm 8,18-27 não apenas projeta um horizonte escatológico para além do sofrimento e debilidade presente, mas o faz mediante uma teologia encarnada, profundamente sensível à realidade histórica dos crentes e da criação. Ao invés de silenciar o sofrimento, Paulo o insere no plano da redenção, transformando-o em lugar de manifestação da fidelidade divina. A esperança, aqui, não é mero consolo subjetivo, mas realidade escatológica ativa, fundamentada na certeza da presença e ação eficaz do Espírito Santo. Em tempos de tribulação e incerteza, essa perícope continua a falar com força renovada à Igreja de todos os tempos, como palavra viva de consolo, de firmeza e de perseverança.

## Referências

BYRNE, B. Romans. Collegeville: Liturgical Press, 1996.

DÍAZ RODELAS, J. M. Carta aos Romanos. São Paulo: Paulus, 2019.

DUNN, J. D. G. Romans 1–8. Dallas: Word Books, 1988.

FITZMYER, J. A. Romans: A New Translation with Introduction and Commentary. New Haven: Yale University Press, 1993.

FITZMYER, J. A. A Carta aos Romanos. In: BROWN, R. E.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. (Orgs.). Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 515-591.

GONZAGA, W. A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada Teologia. In: MAZZAROLLO, I.; FERNANDES, L. A.; LIMA, M. L. C. Exegese, Teologia e Pastoral, relações, tensões e desafios. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Santo André: Academia Cristã, 2015.

GONZAGA, W. Compêndio do Cânon Bíblico. Listas bilíngues dos Catálogos Bíblicos. Antigo Testamento, Novo Testamento e Apócrifos. Rio de Janeiro, EdIPUC-Rio; Petrópolis: Vozes, 2019.

GONZAGA, W. O Cânon Bíblico do Novo Testamento. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2025.

GONZAGA, W. O *Corpus Paulinum* no Cânon do Novo Testamento, *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 55, jan./abr.2017, p. 19-41. Doi: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.29100>

GONZAGA, W. Os conflitos na Igreja primitiva entre judaizantes e gentios a partir das cartas de Paulo aos Gálatas e Romanos. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2022.

GONZAGA, W. Cuidar da casa comum, que sofre, geme e chora, à luz da Teologia Bíblica da *Laudato Sí* e Rm 8,22. *Ephata*, Portugal, v. 4, no. 1, 2022, p. 99-12. Doi: <https://doi.org/10.34632/ephata.2022.10885>

GONZAGA, W.; FERREIRA DOS SANTOS, J. M. A vocação ao cuidado da terra: uma leitura a partir de 2Pedro 1,3-11. *Pesquisas em Humanismo Solidário*, Salvador, v. 3, n. 1, p. 5-32. 2023. Link <http://app.periodikos.com.br/journal/revistaphs>

GONZAGA, W.; LIMA, A. P. A autocompreensão missionária de Paulo em Rm 11,13 e 1Tm 2,7. In: GONZAGA, W. *et al.* Evangelização, santidade e amor a



Deus e ao próximo nas Epístolas do Novo Testamento. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix; Rio de Janeiro: Letra Capital, 2023, p. 29-76. Doi do capítulo: <https://doi.org/10.36592/9786554600835-01>

GUNDRY, R. H. Mark: A Commentary on His Apology for the Cross, Chapters 9-16. Grand Rapids: Eerdmans, 2000.

HAHNE, H. The Corruption and Redemption of Creation: Nature in Romans 8:19-22 and Jewish Apocalyptic Literature. London: T&T Clark, 2006.

JEWETT, R. Romans: A Commentary. Minneapolis: Fortress Press, 2007.

KEENER, C. S. Romans. Eugene: Cascade Books, 2009. (New Covenant Commentary Series).

LANE, W. L. The Gospel of Mark. Grand Rapids: Eerdmans, 1974.

LIMA, M. L. C. Exegese Bíblica: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

MATERA, F. J. Romans. Grand Rapids: Baker Academic, 2010. (Paideia Commentaries on the New Testament).

MOO, D. J. The Epistle to the Romans. Grand Rapids: Eerdmans, 1996.

NESTLE-ALAND (eds.), Novum Testamentum Graece. Ed. XXVIII. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012

PENNA, R. Carta a los Romanos. Introducción, versión y comentario. Madrid: Editorial Sígueme, 2015. 2 v.

PÉREZ MILLOS, S. Romanos: Análisis exegético y aplicación homilética. Terrassa (Barcelona): Clie, 2013.

SANTOS FILHO, J.; GONZAGA, W., O Espírito e a filiação cristã: a antropologia pneumatológica de Paulo na Carta aos Romanos. Petrópolis: Vozes; Editora PUC-Rio, 2021.

SCHREINER, T. R. Romans. Grand Rapids: Baker Academic, 1998. (BECNT – Baker Exegetical Commentary on the New Testament).

VELLOSO, A. Estudo Bíblico: Romanos. São Paulo: Vida Nova, 2007.

WRIGHT, N. T. Redemption from the New Perspective? In: DAVIS, S. T.; KENDALL, D.; O'COLLINS, G. (eds.). Redemption. Oxford: Oxford University Press, 2004. p. 69-100.

WRIGHT, N. T. The Letter to the Romans. Introduction, Commentary, and Reflections. In: KECK, L. E. (Ed.). The New Interpreter's Bible. Nashville: Abingdon Press, 2002. v. 10, p. 393–770.

WRIGHT, N. T. The Letter to the Romans: Introduction, Commentary, and Reflections. In: KECK, L. E. (Ed.). The New Interpreter's Bible. Nashville: Abingdon Press, 2002. v. 10, p. 393–770.